

VOZ DE GUIMARÃES

SEMENARIO REGIONALISTA

Administrador: — P.^o MANUEL DE FREITAS JUNIOR

Director: — EUGENIO VAZ VIEIRA

Editor: — LUIZ GONZAGA PEREIRA

Redacção e Administração:

Composto e impresso

Rua da Republica — GUIMARÃES

Casa Nun'Alvares — Rua da Republica, Guimarães

Tip. Peninsular — Praça do Comercio, 17 a 19 — Figueira da Foz

Proprietaria: A EMPRESA DA VOZ DE GUIMARÃES

RECORDAR... É VIVER!

Uma das notas mais interessantes da Exposição de 84, é, sem duvida, a parte estatística que comecei no numero anterior a extrair, e cuja importancia não é necessario encarecer.

Vimos quaes as classes de productos que a elas concorreram e o numero de expositores a cada uma dessas classes. Sem pretender influir no espirito da illustre Commissão de Propaganda, cujos trabalhos a ausencia de Guimarães, mais prolongada do que esperava, me não tem permitido acompanhar, eu não quero deixar de dizer que a parte estatística da Exposição Industrial e Agricola do Concelho de Guimarães, em 1923, terá a virtude de estabelecer o necessario confronto e demonstrará irrefutavelmente quaes as Industrias Vimaraneses que se encontram em estado progressivo ou aquelas que estando decadentes, precisam de proficuo auxilio de aprendizagem, direção ou estímulo para que não venham a desaparecer por completo, perdendo-se assim algumas das Industrias Regionaes, tão características e de valor.

Parece-me, porem, não ser a despropósito, em antes de entrar na secção *Industrias Caseiras*, dar as indicações ou dados estatísticos das principais Industrias que concorreram á Exposição de 84.

Sob quatro aspectos poderemos encetar o *Quadro das Industrias do Concelho de Guimarães*:

- Operarios;
- Materias primas;
- Produção;
- Capital.

Ha ainda um quinto aspecto — *Motores*. Mas sobre este deixei dito no artigo anterior que apenas existiam em 84, 3 rodas hydraulicas na classe de papel e 1 machina a vapor na classe de serralheria.

Eram proprietarios das rodas hydraulicas os srs. Ribeiro & C., do lugar de Ante-Vilar, freguezia de Moreira de Codegos.

Da machina a vapor eram proprietarios os srs. Almeida & Freitas tendo a sua *Fabrica de Serralheria e Fundição Vimaranesa* na rua de Gil Vicente.

Dito isto sobre o aspecto *Motores*, julgo não ser preciso acrescentar que nessas mesmas Industrias o restante trabalho era manual como, aliaz, em todas as outras.

Fiação de linho, era nesta industria que se empregava maior numero de operarios: 1.559, todos maiores do sexo feminino;

Tecidos brancos etc., empregava 1.085 operarios, sendo 865 do sexo masculino, dos quaes 115 menores, e 250 do sexo feminino contando 70 menores;

Cotins tinha 710 operarios dos quaes 500 homens e 50 menores, e 110 mulheres 50 menores;

Cutelaria 433 do sexo masculino dos quaes 72 menores;

Roupa branca etc., 373 operarios do sexo feminino todos maiores;

Calçado, empregava o mesmo numero de operarios sendo 366 do sexo masculino contando 166 menores, e 7 mulheres.

Couros, e finalmente deixando outras Industrias que empregavam menor numero de pessoal — temos esta classe, empregando 300 operarios: 270 do sexo masculino contando 70 menores, e 30 do sexo feminino das quais 10 menores.

Esta é a industria que nos aparece com maiores importancias sobre os restantes aspectos: *Materias primas, Produção e*

Capital, respectivamente: 458 contos, 529.700\$ e 600 contos.

Seria curioso indicar a qualidade de materias primas empregadas nas diferentes industrias concelhias; deixo essas indicações por brevidade; pois teria de repetir o Relatorio. Nestas circunstancias, indico apenas as suas importancias:

Tecidos brancos: 160:130\$.
Cotins: 150:000\$.
Calçado: 68:8600.

Roupa branca e Fiação de linho: não indica o Relatorio de 84, as importancias das materias primas; se atendermos á *Produção*, respectivamente 45:000\$ e 12:087\$ — poder-se-hão calcular em algumas dezenas de contos de reis. Sob este terceiro aspecto, apresento-nos o Relatorio dos seguintes numeros:

Tecidos brancos etc.: 308:400\$
Cotins: 219:000\$.
Calçado: 96:375\$.
Cutelaria: 56:082\$.

Embora não tenha feito referencia á classe *Confeitaria* para os outros dois aspectos, convem dizer que a sua produção era no valor calculado de 46.309\$.

Por ultimo, segundo a ordem do Relatorio temos o *Capital*; está representado, alem da classe *Couros*, pelas seguintes quantias:

Tecidos brancos: 70:584\$.
Cotins: 44:500\$.
Calçado: 30:383\$.

Temos ainda a acrescentar o *Capital* para as classes *Serralheria* 22:3000 e *Cutelaria* 21:593\$500, já bastante inferior, para a importancia dessas industrias.

As classes restantes, algumas de não menor estimativa que as que ahi ficam, mas de mais restrictos capitais, tendo portanto menor produção, e empregando por isso menor quantidade de materias primas, não lhe faço referencia especial, pois que essas que ahi ficam são as que julgo merecerão maior confronto. A *Marcenaria*, a *Tipografia*, a *Olaria*, o *Pão*, etc. devem apresentar um contraste flagrante, pelo desenvolvimento adquirido nos ultimos 39 anos.

Esses numeros representam bem claramente a importancia Industrial de Guimarães, em 1884.

Releio agora as perguntas que os illustres relatores da Exposição de 84 faziam sobre *«a nossa industria fabril»* antecedendo-as desta ponderada anotação:

Estabelecida geralmente em pequenas officinas, e dissimulada em muitas secções pelas freguezias rurais, com um trabalho quasi todo manual, a nossa industria apresenta uma feição economica doutros tempos.

Terá de se transformar em grandes manufacturas, seguindo o movimento geral da industria moderna, ou poderá com taes ou quaes modificações conservar os traços principaes do seu caracter actual? Que reformas será necessario introduzir nesta ou naquella secção?

A Exposição de 1923 vac dizer quaes foram essas modificações, ela dirá que a terra de *Mem Anes, Gil Vicente, João Gonçalves, Roque Francisco, Antonio Leite, Padre Domingos de S. José Varela, Jeronimo de Barros Ferreira, Francisco Joaquim Moreira de Sá, Manuel José da Silva Cerqueira*, e tantos outros artefices que honraram os seus nomes e a sua terra, é ainda a mesma que não esquecendo as suas tradições sabe bem que a sua maior nobreza é ter por lema as palavras *Gloria pelo Trabalho!*

Eugenio Vaz Vieira

Sociedade Martins Sarmiento

A Sociedade Martins Sarmiento a que Guimarães deve já notaveis serviços, vem dia a dia concorrendo para o maior engrandecimento da terra do seu patrono, e procurando crear á sua volta aquela unidade de interesse pela difusão da instrução popular, tão indispensavel como meritoria. Assim o seu digno Presidente, srs. dr. Eduardo de Almeida, na sessão de 12 de Março apresentou duas propostas, que vamos resumir, pela impossibilidade de as transcrever:

A 1.^a proposta é referente a "modestas e singelissimas palestras" feitas em "reuniões o mais simples e praticas que fór possível" que nada mais serão que "pequenas, intimas e despretenciosas assembleias de estudo, em que se versem alguns dos aspectos da instrução e educação na escola primaria". Para estas palestras serão convidados os professores e professoras do ensino primario do Concelho de Guimarães.

O sr. dr. Eduardo de Almeida, indica na sua proposta os seguintes três assuntos, que se proporia tratar:

1.^o *Arte de Leitura* — 2.^o *Sanidade fisica e moral da creança e da escola. Interferencia da escola primaria na emigração.*

A 2.^a proposta diz respeito ao *Arquivo Municipal* e consta de:

a) *planta do seguimento do edificio*: propõe que o Director da Sociedade sr. José Luis de Pina, illustre Mestre de Desenho procurasse "conferenciar com o distinto arquiteto, sr. Marques da Silva", para "pedir-lhe a planta do seguimento do edificio", plano do rez do chão, e "de elaborar o orçamento das obras";

b) que o mesmo sr. director empregasse "esforços de maneira a conseguir que dessa planta e orçamento" se podesse "dar conhecimento á Camara até o dia 1.^o do corrente;

c) que, efectuados esses trabalhos" fosse renovada a iniciativa da Sociedade "junto da Camara" nas bases apresentadas pela proposta de 1 de Agosto de 1922 e alocação de 9 de março findo, de que demos publicidade.

— Fazemos os melhores votos pela realisao dos assuntos destas propostas, certos como estamos do enorme alcance social que elas tem em vista, felicitando a Sociedade de Martins Sarmiento e o seu digno Presidente pela acção valiosa que vem desenvolvendo.

Liceu Martins Sarmiento

Foram nomeados directores das 1.^a e 3.^a classes respectivamente os srs. dr. José Francisco dos Santos e Conego Alberto da Silva Vasconcelos, illustrados professores do nosso Liceu.

Benemerencia

É digna de todo o louvor e merecedora dos mais rasgados elogios a obra de beneficencia, que periodicamente vem realisando o sr. Luís Antonio Pereira, distribuindo avultadas quantias pelas casas de caridade de Guimarães.

Admirador das naturaes belezas da nossa encantadora Penha nunca a esquece tambem nas suas generosas dadas.

Vindo ha dias a Guimarães, distribuiu as seguintes quantias Penha 2.000\$00 — Santa Casa da Misericordia 1.000\$00 — Creche de S. Francisco, Asilos da Mendicidade (Campo da Feira) e Santa Estefania, e officina de S. José 500\$00 a cada, perfazendo a importancia de 5.000\$00

Impudencia

A gente ás vezes passando por essas praças ou ruas não está livre de receber a pedrada de qualquer garoto, mesmo vestido de menino e moço.

Pois tambem na praça publica que é certa imprensa o transeunte desprevenido que passeia os olhos pelas colunas dessa imprensa, recebe ou vê meninos e moços vestidos de garotos, que arremessam pedras a quem passa, senhor do seu caminho, e seguindo-o sem olhar o rapazio agarotado que joga a pedra e arremeda desporto jogando a bola que não poucas vezes lhe cae na propria cabeça.

E no entanto a missão da imprensa é bem outra.

Nada comprehendem os que escrevem com *penas de pavão* impavonado lá numas alturas de *Rocha Tarpeia* fingindo não verem o abismo que se estende a seus pés, como o mesmo faz o pavão que arma a cauda reluzente e não olha para os pés que são pobres e desprezíveis.

Pavões do nosso tempo, olhae para as vossas obras e deixae passar quem passa no seu caminho sem se importar dos gritos estridulos que soltaes quando a insanía que semeasteis vos começa afogando.

Mas... a que proposito vem isto?

Vem ao proposito de castigar a impudencia de certa imprensa, vem a proposito de... ver se se consegue que a reflexão leve os pavões a olharem para os pés.

Casa Atlas

Abre, brevemente, nesta cidade, a Casa Atlas, depositaria do já bem conhecido calçado da importante fabrica americana "Atlas".

Ordem do Exercito

Pela ordem do Exercito n.^o 6, 2.^a serie, foram colocados no regimento de infantaria 20 os srs. Major Jacome do Vale e tenente Luís de Azevedo.

Condessa do Juncal

A mesa da Santa Casa de Misericordia desta cidade mandou celebrar, na sua igreja, na terça-feira ultima, solenes exequias por alma da sua grande bemfeitora a condessa do Juncal.

Assistiu toda a mesa com o seu Provedor, sr. dr. Alfredo Dias Pinheiro.

NOTICIÁRIO

Tem estado bastante enfermo com gripe o nosso presado amigo e virtuoso pároco de Nossa Senhora da Oliveira, rev. João Antonio Ribeiro.

— Está enfermo o nosso presado amigo sr. Jerónimo Salgado Cardoso Guimarães.

— Está em convalescença da enfermidade que o reteve no leito uns dias o sr. dr. Maximiano Guedes Simões.

— Esteve uns dias em Canífa junto de sua dedicada familia o nosso bom amigo e estimado administrador do nosso jornal, sr. P. Manuel de Freitas, illustrado coadjutor da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira.

— Esteve entre nós o sr. Miguel Baía Coelho, illustrado director tecnico da Sociedade Alentejana de Seguros "A Patria" com a sua sede em Evora e de quem é correspondente nesta cidade o proprietario da casa Nun'Alvares.

— Regressou a esta cidade o rev. P. João Luís Caldas, illustrado professor no Colegio Academico.

À um calvo, oficial do exercito (1)

oferecendo-lhe uma carapuça

Hugobaldo, monge bento, mas levadinho da breca, fez um poema, um portento! em louvor dum rei careca,

Em cento e trinta e seis versos, Do começo até final usou mil termos diversos mas d'uma só inicial!...

«Condigno carne, Camenas, Cantae! Carecas, cantae!» Com c inicial apenas cantando os carecas vae!...

A Carlos, calvo chamado, seu poema o frade dedica; nem com ele consolado o bom Carlos Calvo fica...

Se tamanho engenho nota, com certeza diz, ao lê-lo: — «Dava os versos deste idiota por outros tantos cabellos!»

E quem não vê, com effeito, que sempre, em qualquer pessoa, ser careca é um defeito... Mas se o calvo usa corôa!...

E se o craneo desgraçado fór dum fero militar? Quem poderá com agrado tal desgraça contemplar?

Julio Cesar, se o fitavam, dava o cavaco com isso, por cuidar que se pasmavam de ter pelado o toutiço.

E concedeu lhe o Senado, por occultar tal desdouro, trazer sempre o craneo ornado do victorioso louro!

Tambem eu;—filho de Marte! contemplando esse deserto do teu craneo, venho dar-te com que o tragas bem coberto.

(1) Conseguimos apanhar estes versos, mandados por uma gentil menina a um não menos gentil mas muito menos cabeludo oficial do exercito. Que um e outro nos perdõem a indiscreção, que não é muita visto os cinco pontinhos reticentes occultam outras tantas letras ausentes.

Foot-ball

Mais uma vez, pelo que lemos nos jornaes, se foi jogar o *Foot-ball* para o espaço de terra que fica fronteiro ao Cemiterio,—e a que se vem chamando *Campo da Atouguia*.

Nós protestamos contra a de signação, e protestamos tambem contra o fazerem junto ao Cemiterio, campo de recreio. Não! não pode, nem deve ser!

Que sejamos contra o *Sport*? Por Deus! que não! Aplaudimo-lo, e louvamos aqueles que a ele se dedicam.

Mas desejamos as coisas no seu lugar, e junto ao Cemiterio da Atouguia não é lugar proprio para divertimentos—mas sim de recolhimento e orações pelos mortos.

Não continuem os jogadores aquella obra de barberie comecada por uma camara que destruiu aquele belo bloco de pedra em que não bem ficaria a estatua da Fé,—indo para o largo fronteiro fazer os seus jogos.

E já que falamos neste assunto, nós perguntamos:

Porque não organisam os *grupos sportivos* um *campo de jogos*? Por falta de dinheiro? Por falta de local? Por falta de iniciativa?

Pela primeira pergunta não acreditamos. O que menos falta é dinheiro: ele anda a *voar aos montões*; e seria bem compensador o capital preciso para estabelecer o *campo de jogos*.

Quanto á segunda, uma comissão o procuraria.

Sobre a terceira não emitimos opinião; deixamo-la aos *grupos desportivos*.

Mas, pelo respeito devido aos

Contra os versos, teu bestunto em vão seus dardos aguça... O principal do assunto é que sirva... a carapuça!

Ao pensamento me salta —bem me recordo de lê-lo— que a calvicie é uma falta d'heroismo no cabelo.

Uma cabeça dotada de abundante cabelleira lembra a formação cerrada d'uma falange guerreira.

Que ao fim da lucta se vejam raros já os combatentes, é natural:— se pelejam caem mesmo os mais valentes!

Por isso de velhos calvos ninguem leviano se ria; seus soldados fazem salvos do labeu de cobardia.

Mas deixar moço garboso, na primavera da vida, ver-se o cabelo medroso, fugir do campo da lida?!

Oh! isso sim, que contrista! Isso sim, que é vil labeu! Ah! cobre, cobre essa vista Com carapuça ou chapéu!

E' porisso que, pensando que está caro agora tudo, este belo abrigo mando p'ra o teu coiro ex-cabeludo!

Que esta gorra na cabeça, nessa erma se ponha, e de vez desapareça a vista dessa vergonha!

Trá-la sempre até que um dia —venha esse dia bem tarde!— mostres calva luzidia... mas sem pecha de cobarde!

Ar....

mortos, lhes pedimos instantemente, não voltem a jogar na Atouguia.

Misericordia de Guimarães

Por portaria publicada no *Diario do Governo*, foi autorizada a Mesa da Santa Casa da Misericordia desta cidade, a aceitar a doação que ao Hospital da mesma Misericordia pretendem fazer Luiz Cardoso Guimarães e Esposa, residentes no Rio de Janeiro.

Eugenio Vaz Vieira

Por motivo de doença tem estado ausente o nosso estimado director que se encontra em casa de seus sogros, em Felgueiras. Do coração lhe desejamos pronto restabelecimento.

Falecimento

No convento de Lion, Hespanha, faleceu, no dia 17 do mês passado, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria dos Prazeres Leite, religiosa do convento das Capelinhas desta cidade, irmã do considerado industrial, sr. Bento José Leite e Antonio Martins Leite.

A todos os seus apresenta a "Voz de Guimarães" sentidas condolencias.

Victoria Sport Clube

Este grupo desportivo realisou, no domingo, 8 do corrente uma festa de *sport*, revertendo o seu produto liquido em beneficio da officina de S. José.

Esta benemerita instituição recebeu deste club a importancia de 285\$000 reis.

LÁ POR FÓRA

Impressões da semana

Continuamos no Rhur com o sistema de represalias, os actos de boycotage alemã, numa palavra a continuação da mesma interrogação. Outro dia, os operários atacam os brucezes: estes ripostam; ha 6 mortos e 31 feridos. E a Libre Parole então, se guida de toda a imprensa franceza, conclue: 1.º, que operários e capitalistas mancomunam-se para a sua resistência; 2.º, que a união alemã é perfeita; 3.º, que acirrados (a verificação é do advogado socialista, Liebnel) 90 por 100 dos trabalhadores alemães estão prontos a marchar contra a França. Dê o leitor balanço a isto, recorde Cuno incitando á violencia, o engarrafamento da gare de Wesel pelos alemães fazendo des-carrilar nela 8 comboios uns sobre os outros, a rejeição das cominações francezas acêrca das reparações a prestar pela Alemanha — e tenha a certeza de que perde o seu tempo se se puzer a adivinhar o futuro.

Passemos a outro sector da batalha internacional. Lenine, se não morreu, está definitivamente liquidado para o exercicio do poder supremo na Russia. Ora é curioso que Lenine escreveu o seu testamento politico numa serie de artigos que estão sendo publicados na imprensa bolchevista, e esse testamento é a confissão de que a revolução comunista falhou! O dictador (depois de tantas hecatombes e ruínas!) declara que não pode matar o Passado; condemna o tumor de burocratas que o bolchevismo creou; afirma que a cultura proletaria não existe e que tudo foi feito á doida e á pressa, sem verificação das lições da experiencia! Ora limpem-se os comunistas a este guardanapo. E desaparecido Lenine do scenario politico que vae acontecer? Isto que já está previsto: os camponezes, detentores do pão e das terras vão dar as cartas. Já na Ukraina se deram os primeiros tumultos afogados em sangue e terror. Os partidos soviéticos guerream-se com odios de morte. O acordar dos lavradores, pequenos proprietarios, marcará o fim do bolchevismo... E já não é cedo...

X.

Sucida-se por sair da cadeia!

A semana passada, em Dreux, França, um tal Bonet, 55 anos, que estava expandindo um crime com 5 anos de cadeia, recebeu a noticia de que lhe eram perdoados os 15 mezes que lhe faltavam. Recusou o perdão e como lhe recusassem a ficar na cadeia, nessa mesma noite enforcou-se num candieiro em frente da porta da prisão!

Já era amor á gaiola!

Morreu Lord Carnarvau!

O famoso descobridor das preciosidades egipcias no tumulo do Faraó, um mez depois de ascender á gloria terrestre... morreu, da infecção causada pela picada dum mosquito! Como a nossa vida está nas mãos de Deus!

Dir-se-ia que o Faraó se vingou de quem lhe descobriu os tesouros ocultos milhares de annos! Também no Museu Britânico ha uma munita fatal — que parecia causar desgraças a quem lhe tocava.

Peio menos, desde o Egipto até Londres sucederam varias desgraças a quem lhe tocou!

O pobre Lord Carnarvau nem poude acabar de ver os seus tesouros que descobriu!

Uma mina fatal

Conta o Daily Chronicle um caso curioso: numa mina no Derbyshire trabalhavam um pae e três filhos: um de tes morreu ha dias esmagado por um vagonete de carvão; ha quinze dias o pae tinha morrido de desastre na mesma mina e pouco antes já outro dos filhos lá tinha perdido a vida. O terceiro filho, também victima dum desastre, esteve muito tempo num hospital, mas salvou-se!

Um passeio de 70.000 kilometros!

A bordo dum yacht chinado

Fantôme II, partiram a semana passada de Southampton varias pessoas, convidadas pelo filho segundo do duque de Iveagh, o sr. Ernesto Guinness. Darão a volta ao mundo indo pelas Canárias, Las Palmas, Trinidad, atravessam o canal de Panamá, depois direitos ás ilhas Fiji, Japão, Borneo, canal Sues e Mediterrâneo, numa passeata de 70.000 kilometros, que durará dez mezes. O yacht desloca 600 toneladas e está ricamente mobilado pelo sr. Guinness, e, ainda que não acreditem, nós gostavamos de ir também, se tivéssemos... guines!

Um morto que protesta

Os jornaes deram ha dias a noticia de ter sido identificado o cadaver de um afogado: era o sr. Herbert Gilbody. Ora mister Gilbody, com um pingo delicioso de humorismo inglez, acaba de declarar aos jornaes que a noticia deve ser... muito exagerada! O sr. Gilbody declara que não faz mesmo ideia do motivo por que o confundiram com o morto!

Duas irmãs rés por gosto

Maria Alice e Germana Receveur são duas irmãs, que em 1919 foram condenadas a doze annos de trabalhos forçados por um conselho de guerra, por se terem acusado espontaneamente de espionagem. Depois veiu a saber-se que as duas raparigas sofriam de pancada, foi promovida uma revisão do processo, reconheceu-se que as declarações das duas irmãs eram falsas e estas foram postas em liberdade ha dias, em Paris.

Aventura cambial de três espanhoes

Conta a Croix: três espanhoes juntaram 10.000 marcos e ignorando o valor actual da moeda alemã julgaram-se ricos e resolveram entrar em França num restaurante e comeram um jantar que lhes custou 25 francos. Quando quizeram pagar com os 10.000 marcos caíram das nuvens vindo a saber que só valiam 7 francos e meio!... Foram presos a pedido do dono do restaurante e ainda por cima processados por não sei que formalidades que faltavam nos passaportes. E' uma aventura, estes 10.000 marcos, que lhes fica... marcada!

Poderá cultivar-se o deserto do Sahará?

Anunciam os jornaes italianos que um dr. Beccari sustenta que é capaz de utilizar para a cultura o deserto imenso do Sahará. Consiste o seu sistema em formar com as dunas imobilizadas — mas não diz como — umas colinas protectoras de vales por onde passariam linhas ferreas e canaes de irrigação. Depois, captação d'agua e pronto!

Será um sonho de cabeça gloriosa ou veremos nós aproveitados na economia mundial essas inumerosissimas regiões desoladas onde reinam os ventos mirradores e revolteiam as areias ardentes? Nós só acreditaremos quando nos fôr dado comer umas batatinhas fritas do Sahara. Quando... sa rá?

Miudezas

Na Universidade de Aberdeen graduaram-se ha dias, na mesma cerimonia, pae e filha. O curioso é que se trata duma familia de apelido português: Dr. S. Clair Henriques e Dr. Stella Henriques.

Um bexista inglez, Skmsley, de 20 anos, numa partida de box apanhou um sóco que o matou. Morreu consolado por que só apanhou o murro fatal ao decimo round!

E também em Inglaterra morreu com 76 annos o conego Robins, que desde a idade de 16 era cego, duma bolada que apanhou jogando o cricket!

Na Grande Exposição Inglesa que se prepara, figurarão 50 avestruzes vivas.

Quatro indivíduos agora presos em Montpellier, tiveram a habilidade de fundir mais de 5000 kilos de moedas d'ouro francezas, num valor de mais de 50 milhões de francos! Se cá ivessem antes... queimar 50 milhões de notas!

Perto de Boston, Estados Unidos, arderam muitas vivendas e um parque de divertimentos. 1 milhão de dollares de prejuizo.

Danças e dançarinos

Missiva para a Alta Roda

Minha senhora:

Antes de mais, V. permita-me o desafogo duma prevenção exigida pelo direito de escrever-lhe: — eu leio e repasso as paginas da Vogue, e como ella é o texto oficial da elegancia e do bom tom, posso invocar perante a sua exigencia de credenciais, aquilo que dá a razão de falar com conhecimento de causa.

V. já no ultimo baile quasi me repelia como um intruso. Prometi desforçar-me, e aqui me tem batalhando por meus fôros.

Eu leio a Vogue. Leio-a e conheço por experiencia a vida chamada (ah! por que ironia!) mundana, da Alta Roda. V. não me diferenciará da chusma dos frequentadores, mas — disse-me o gratamente no ultimo verão na Foz — também não me confunde com o anónimo imbecil dos chichibubs que, de anquinhas, pescoco decotado e mascotes e pulseirinhas (além dos pês e dos tinturas) são, nos grupinhos dos salões, dos cafés e das praças, junto das mentinas abonçadas e futeis, uma espécie de rivais modernizados dos cães e dos gatos da moderna moda.

Estou a vê-la outra vez a descer a ante estas frases a serra marfinea da sua dentadura branca, fina como a dos incisivos das lontras. Que importa? Aqui, neste recatado gabinete onde V. me leu deliciosamente ha dois dias, encaunada, a dentro poesia sem-furtista do poeta da Faria, eu resolvi, re-visitando-a, deixar derramar-se no papel desta carta uma breve conversa de serão.

Dou-lhe a minha palavra de honra de que não tenho a velleidade de lhe pregar moral, como V. me diz ás vezes espalmando, quasi a tocar-me a boca, a sua mão proibitiva, e tão afusadamente copiada dos gestos longos das bailarinas persas, nessas horas fôntes em que a mulher de hoje aspira sadicamente a transtornar-se na Salomé barbara do Wilde — incapaz de, por perversão rebuscada, ser a Magdalena do Evangelho...

Eis-me no assunto. Na vida mundana de agora, creia V. que aquilo que mais me tortura num enervamento semelhante ao causado pelo fumo de cincoenta cigarros egipcios a fio, são as danças. E aquillo que nas danças me perturba e atormenta, não nervosamente mas intellectualmente, não é a forma coreografica, são — os dançarinos.

Dize-me como e com quem danças e dir-te-hei as manhas da epoca em que vives.

A dança é um expoente de civilização. Paradoxo? Não. Pequena mas vibrante verdade de uns restos daquela filosofiasinha que nós topamos ainda, ainda envergonhada como a «perdi-da» d'uma d'uma fôr que expira... nos devos dos salões, e viva acaso!...

Quiz você, á viva força, que eu lhe mostrasse a razão das minhas preocupações a este respeito, a que eu alludira quando V. me confidenciais que ficára pasmada com os dois artigos de Nemo na Epoca.

Ah! minha amiga! Nemo não disse tudo. E' certo que Germain, na Revista Mundial, abriu um inquerito famoso sobre a Dança Moderna.

Regina Badet, que V. viu no passado inverno em Paris na festa annual da Princesa Murat, ela propria depoz, sabe? no inquerito. Ouça-a:

«Os meus passeios nos paizes de origem das danças modernas de que me fala, fizeram-me vêr que a sociedade selecta não as dançava. Já ninguém dança nos nossos salões a valsa Maloupe, não é verdade? A's perguntas que dirigi aos Argentinos e aos Brasileiros, e mesmo aos Francezes que vivem por lá, acerca destas danças, responderam:

— Ha sitios onde são dançadas, mas neles corre perigo a vida ao satisfazer a sua curiosidade a tal respeito, porque dão-se por lá factadas com a maior facilidade. Nesses logares os homens pertencem á escoria do povo, dançam de cabeça atrado para o cocuruto da cabeça e de cigarro pendente do beico, cuspidos por cima do hombro do seu par. Nesses melos servilham figuras horríveis, o que de mais abjecto existe tanto no moral como no fisico. Confesso que a minha curiosidade não foi mais longe. Bastou-me isto que ouvi.»

Vejo eu crescer, subir de ponto o seu espanto, minha Senhora, ante tais revelações sobre a baixa origem das modernas danças de salão: — as pôdrés pocilgas americanas.

Que venha V. retorquir-me com a arte das danças orientais, e eu lembrare-hei aquella noite em que V. a meu lado, á saída de um ballado russo da Naroska em Madrid, quando eu lhe perguntei por suas impressões, V., estragando com os dentes o trabalho do polimento das lindas unhas finas e oblongas, apenas me soube pedir que me calasse, por se sentir doentamente nervosa, — fol esta a sua frase! Olhe: Level escrevia ha pouco:

«Numerosos camaradas medicos disseram-me do extraordinario numero de meninas que lhes vem pedir calmantes para dormirem, tomam-na é a excitação causada pela dança.»

E', minha amiga, uma excitação que mal esmorece e logo se realta em outra ainda mais viva! Á Arlet Ah, mas veja, veja o que diz a Academia dos Professores de Dança de Paris — a rival da dos Quarenta Imortais, quicá mais escutada do que esta.

Eles constataam que ás evoluções coreograficas demer cri falta a estetica, a harmonia precisa, a correcção. São fantasias exóticas executadas sobre uma musica selvagem, devidas á influencia occulta ou indirecta, mas de certo interessada, nos meios dançan-

tes, de elementos estrangeiros que jugam tudo permitido em razão da sua fortuna e se consideram em Paris como em suas casas». Mais ainda: «a decadencia sob o ponto de vista coreografico é apenas um corollario da decadencia mais geral do gosto nas Artes. Anda especial e intimamente ligada á decadencia da musica, do teatro, da pintura e da literaturas».

E os professores declaram «que não ensinarão o shimmy por causa das suas reações averiguadas com o gâtismo e a dança de S. Vito e outras enfermidades crônicas de que a humanidade de nossos dias se acha assazmente provida».

V. já afilia forcejará um sorriso para me interrogar:

— Mas nada, nada se salva?... Mas se eu, minha amiga, ouço ainda os professores de dança de Paris a dizerem isto:

«Nós constataam que depois de haver repudiado o Tango, a Igreja por vezes feriu de veto o inofensivo fox-trot logo que o Shimmy appareceu. Queremos crer a Igreja mal informada, mas é de prever uma extensão do interdito se não se volta ao campo da decencia. A influencia moral do poder religioso é assaz grande para que desdenhem os seus avisos salutares».

Certe um pouco, agora, os seus olhos fatigados. Faça desfilhar qualquer dos scenarios que cem vezes, mil vezes, passariam diante deles, noites e noites, tardes e tardes, sob os velários da luz difusa, ao entrechoço fortemente rude das cruas cores dos trajes, nos vastos salões adornados de bazarieiros de harenis, por cujo ambito ajeira um olor vago de perfumes não acariciantes mas perfidamente incitadores de morbida estesia sensual.

Recorde, recorde, val os movimentos colados, as attitudes propositadamente languescentes, os gestos, os requebros que acordam pensamentos e emoções voluptuosas e se vão tornando pouco a pouco, em outras tantas occasiões de fazer mal... Perdão! A frase é do orador Dominicano, que ouvimos no ano passado em Notre-Dame...

— Mas é verdade! Confessar-me-lhe V. por fim, vencida, reabrindo para mim os olhos garços, Vencida, sim, mas talvez (eu conheço-a, eu conheço-a!) talvez não convencida ainda.

E eu porfio em convence-la, por aquela razão de alguém, rapaz como eu, que viveu os salões do seu tempo e saiu deles indemne. Jamais he'n'ai epruvé plus de respect pour les jeunes filles et pour moi même que depuis mon entrée dans le monde.

Para mim as diversões da Alta Roda não são a pedra de toque em que se quebram as resoluções do dever. Observo-me e vigio-me lá dentro... Eu porfio e tenho esperança de convence-la. Presinto-a, havendo já morrido a curiosidade feminilmente ansiosa de saber tudo, de conhecer as consequências, os aspectos totais deste beoiso de s'etourdir que marca, após a guerra, a febre de exotismo mundano e barbaresco, igual áquellas que em desforra das contensões acudidas e das visões exaltantes do sangue, advieram no bajo ainda quente das orgias revolucionarias do Terror para os salões do Diretório...

Voltarei!

Lx.º, 3-4-923. João de Valmor

Oh Cristo do Gólgota!

Entre os inumeros artigos que a imprensa de todo o mundo consagrou durante a Semana Santa ao Redemptor da humanidade, destacamos estes sentidos periodos duma bela evoação de Elie-mne Bricou, no Gaulois de Paris:

Oh Cristo do Gólgota, esperança radiante das nossas aflições, dos nossos desfalecimentos e dos nossos desgenganos, tem piedade da desorientação desenfreada deste pequenino planeta que os homens chamaram terra e que atordoam com o rumor das suas disputas. Tudo aí treme, tudo aí vacila, como se tudo estivesse prestes a desaparecer.

Oh Cristo flagelado, os povos incapazes de se entenderem, tomados de vertigem turbilhonam em torno do abismo.

Uma tempestade de demencia devasta o Oriente, que deserta da vida, e os seus ventos demoniaes desconjuntam o mundo. Da tua coluna ensanguentada diz-lhes o preço do sangue e nunca é feliz ninguém que, vive contra o proximo!

Oh Cristo flagelado, o seculo abandona-te, o seculo nega-te, na preocupação dos seus negocios e no afando prazer. Mais ignorantes do que qualquer outro, na sua sciencia incerta, das suas origens e dos seus destinos, o orgulho do seu pensamento arrasta-o para a ventura, á maneira dum cavalo que se desmanda, embriagado pelo ar que respira.

Ensiná-lhe que não basta demoler o templo para desvendar o misterio.

Oh Cristo traído e coroado de espinhos, vem em socorro da consciencia humana. Ela não sa-

Sciencia para todos

Contemplando as estrelas

Já leram Baruch? Se não leram a liturgia de sabado de Aleuia, põe deante de vossos olhos o esplendido discurso do profeta Baruch, que tão grande admiração despertava no bom La Fontaine:

Deus manda a luz e ela parte, Ele chama-a e ella obedece tremendo. As estrelas brilham nos seus postos, E estão em jubilo: Ele chama-as e ellas dizem: Eis-me! E ellas brilham alegremente para Aquelle que as criou.

Sem duvida o profeta Baruch tinha admirado, em certas noites claras do Oriente, a scintillação das estrelas, os lindos e comove-dores estremecimentos da sua luz, quando parecem extinguirse, depois reacender-se, e que as palpitações do seu brilho e da sua côr as fazem passar a cada instante do branco ao vermelho, ao azul.

A scintillação não é mais que um jogo da luz das estrelas na sua passagem atravez da atmosfera terrestre, agitada em certos dias por movimentos incessantes, que fazem com que muitos raios que chegam simultaneamente aos nossos olhos, vindos duma mesma estrela, tenham percorrido caminhos diferentes, acrescentando ou subtraindo ao acaso os efeitos cambiantes das suas ondas. Em pleno ceu, d'ordinario só as estrelas são sensíveis a esses movimentos, porque a scintillação é tanto mais marcada quanto mais pequeno parece o astro; contudo, apesar da proximidade e da grandeza do seu diametro aparente, os proprios planetas, Venus, Marte, Jupiter, Saturno, quando estão perto do horizonte, scintillam também ás vezes e palpitam de mil fogos cambiantes.

Estas são as apparencias que puderam suscitar em Baruch a poetica comparação das estrelas a sentinelas fieis nos seus postos, que estremeceem e aclamam, brandindo os esplendores de suas armas e couraças, o chefe da criação.

Mas que teria dito elle, com a sua esplendida imaginação, se tivesse sabido que certas estrelas palpitam realmente; que os seus globos são agitados por pulsações gigantescas que os incham periodicamente como o peito dum gigante monstruoso?

Cephea é o nome de uma constellação que está situada a pouca distancia do Polo Norte, á ourela da via lactea.

Ha lá uma estrela, chamada Delta Cephea (que occupa nessa constellação o quarto lugar pelo brilho, porque está numerada pela

quarta letra do alfabeto grego) que intriga muito os astrónomos pelo aspecto estranho das suas variações. O problema que ella suscita não fez senão aumentar de interesse ha alguns annos, desde que se descobriu um certo numero de estrelas semelhantes a esta, e que porisso se chamam Cepheids.

As Cepheids são estrelas variaveis dum tipo particular. Mudam periodicamente e progressivamente de brilho, umas nos intervalos de algumas horas, outras num periodo mais longo, que se calcula por dias, ou mezes, ou annos; depois do que retomam exactamente o seu brilho primitivo, para recommencarem incessantemente as mesmas transformações.

Se não apresentassem senão mudanças de brilho, na impossibilidade em que estamos de nos aproximarmos o suficiente para reconhecer a causa dessas transformações; podia tentar-se explicá-las pela hypothese de eclipses periodicos; hypothese que explicou exactamente variações de brilho de Argol e de diversas estrelas semelhantes.

Algol é um grupo de dois soes, um brilhante, outro quasi escuro, que giram em tres dias em volta do seu centro comum de gravidade, num plano inclinado, sob um angulo tal que, na direcção do nosso raio visual se produz a cada volta um eclipse parcial do astro brilhante.

Mas a hypothese duma estrela dupla, de eclipses, não serve para a estrela Delta Cephea, e para as suas congeneres, as Cepheids.

Com effeito, ha mudança periodica não só de brilho, mas também de côr: á medida que se atenua o seu brilho, a estrela toma uma côr cada vez mais vermelha, ao invés, retoma a côr branca á medida que se torna outra vez mais brilhante. Ora um simples eclipse não explicaria facilmente esta mudança de côr; com effeito, a luz dum astro eclipsado não pode ser de côr diferente durante o eclipse e fóra do eclipse.

Procurou-se outro genero de explicação; mas fiquem os leitores de nariz no ar até ao proximo numero, que as secções tem de ser pequenas. O que é preciso é cada assignante arranjar outro... e pagarem logo ambos, para melhorarmos ainda mais o jornal até fazer dele mestre em casa!

Continuaremos de hoje a oito dias a contemplar essa traquitana dos astros.

be para onde guiar a sua barca, na agitação dos seus desejos. Quer e não quer, indolente e dorida, e compraz-se na incerteza dos seus delitos. Enginalda-se de vaidades, subtiliza-se, esquiva-se, e convida-nos á malignidade, que dilacera alternadamente ou com palavras ou com obras. Oh Cristo, ensina áquelles por quem morres a não se feirem de odio: ensina-lhes a saber amar sem fazerem mal amando.

Oh Cristo Crucificado, inclina para nós, na tua compaixão pelos homens, o olhar de Deus. Hoje com a frente no pó das edades, nós te imploramos pelos vivos e pelos mortos.»

A Palavra do Semeador

Domingo I depois da Páscoa

Evangelho

Naquele tempo disse Jesus aos fariseus: Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas. Porém o mercenario e o que não é pastor de quem as ovelhas não são proprias vê vir o lobo, deixa as ovelhas e foge, e o lobo arrebatá e dissipa as ovelhas.

Mas o mercenario foge, porque é mercenario e porque lhe não importam as ovelhas. Eu sou o bom pastor e conheço as minhas ovelhas e as que são minhas me conhecem. Assim como o Pai me conhece, assim eu conheço o meu Pai e dou a minha vida por minhas ovelhas. Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco e importa que eu as traga e ouvirão a minha voz e se fará um só rebanho e um só pastor.

Joan. X-11 a 17

Comentario

Nosso Senhor Jesus Cristo é

esse bom pastor do evangelho que se reconhece por estes seis traços que formam a sua figura divina, imortal e exclusiva.

1.º—Conhece as suas ovelhas; pois nada passa ao seu olhar penetrante que vai até aos corações.

2.º—Encaminha o seu rebanho para as boas pastagens; pois Jesus deixou-nos o prado dos sacramentos em que Ele mesmo é alimento.

3.º—Foi á frente. E não foi como os reis da terra em carros triunfaes e de scetro luzente na mão; foi a pé e por scetro levou uma cruz...

4.º—Defende o rebanho. Nos periodos mais angustiosos da nossa vida individual deveremos ter sentido a sua influencia salvadora e na vida da Igreja, quantas vezes não tem ele estendido a mão por sobre os vagalhões e repetido a palavra: «não tenhais medo, homens de pouca fé!»

5.º—O pastor da verdade leva ao colo os cordeiros e trata com caridade as ovelhas já cansadas. Jesus Cristo já pela sua pessoa, já pelas vocações que deixou nos seus delegados e pelos remedios que deixou na sua Igreja tem o leite para os pequeninos e o conforto para os últimos momentos...

6.º—Para defender o seu rebanho succede, não raro, morrer o pastor. Por nós morreu Jesus no alto do Calvario.

Perante um pastor assim, sejamos ovelhas submissas.

A TOUTINEGRA

Versão de D. Isabel Bivar

Outras penas, melhor aparadas que a minha, empreenderão fazer contos de grande alcance e historiar altos feitos; eu, historiographo mais modesto, só quero falar-vos hoje da toutinegra do meu visinho, o tio Miguel, como lhe chamavam no bairro das Carmelitas, onde viviamos.

Chamava-lhe ele Primavera, nome que lhe puzeram porque os seus cantos alegres pareciam falar dos bosques, das flores, dos raios do sol, de tudo que anuncia a primavera. Ainda ontem por baixo da glycínia que serpenteia como fitamento de verdura ao longo da fachada da nossa casa, a vi depenurada á janela do tio Miguel. Era o orgulho e a alegria d'ele!

—E' minha filha, dizia o velho artista, um discípulo de S. Crispim.

E quando tal dizia, mostrava a avesinha, com um sorriso humido de lagrimas.

Porque ele tivera outra filha, uma menina, Lucia, rosada como um botão de rosa, branca como um lírio, alegre como uma toutinegra e pura como um anjo.

Uma manhã, a morte batera á porta da lojinha do sapateiro, e a alma de Lucia voara ao céu. Uuvi pregar o caixão que encerrava essa flor ceifada em pleno brilho; vi o tio Miguel acompanhar os restos da filha á igreja, depois ao cemiterio, cabeça descoberta, olhos nublados de pranto, e corpo acurvado. Mais tarde retomou o seu lugar, em frente da janela aberta, entre dois vasos de gerânios definhados, murchos, como se compreendessem que a sua meiga dona morrera e não mais cuidaria d'elles.

O velho sapateiro tinha o mesmo agrado e prontidão em ser servicial aos visinhos. Mas d'ahi não passava. Nem risos, nem cantigas se ouviam já, quando batia a sola sósinha, na casinha deserta agora, com o coração a transbordar de saudade!

Estava eu uma manhã á janela, vendo passar o regimento para o exercicio de tiro, de musica á frente, quando descobri o tio Miguel que, segundo o seu costume, ia com um bocadinho de pão seco na mão, comprar á tenda do mercieiro o seu unico almoco.

A porta do mercieiro estava postada um garoto com um ninho na mão. Vendera um atrás do outro os dois mais belos passarinhos da ninhada; só lhe restava um mas tão despidinho de penas, tão tremendo de frio, que todos a quem o oferecera recusaram dizendo: «Está aqui está morto!» O tio Miguel parou diante do rapaz.

Que se passou no espirito do velho, á vista d'aquelle pobre ninho e do orfão implume? Não sei; mas vi passar os dois vintezos do almoco á mão do garoto, e o meu visinho voltar com a sua compra inesperada.

Uma viagem obrigou-me a estar muitos dias longe de casa e fez-me esquecer o novo companheiro da vida do tio Miguel.

Um dia, porém, depois do regresso, ouvi um chilrear ainda debil, mas tão alegre, que bati á porta do meu visinho e entrei-lhe no quarto.

O tio Miguel estava á janela, preparando com a mão esquerda um ninho á avesinha e com a outra dava-lhe o ci-balo.

Vendo-me aproximar desculpou-se de não poder tirar o barrete.

—Este é o passarinho do gatto dia? —interroguei maliciosamente.

—Ele mesmo! replicou o sapateiro, córdano. Deus o abençoe! Tenho esperança que ha de viver!

A avesinha viveu e a pouco e pouco as cantilenas pareceram realgar a casa solitaria. O tio Miguel arvorou-se em mestre de canto da Primavera, que mal lhe ouvia a voz, batia as azas, abeirava-se das grades da gaiola e metia por entre ellas a cabeça parda.

A toutinegra veio a ser a maravilha do bairro.

Todos os dias as creanças á sahida da escola, ou os soldados rasos que passavam para o quartel, demoravam-se um instante em frente da gaiola. Os rapazes mostravam-na uns aos outros, contando as proezas d'ela, porque o tio Miguel fixara na gaiola da Primavera um trapezio e um balaço, nos quaes a toutinegra exhibia admiráveis exercicios de ginstica, desafiando ao mesmo tempo o seu repertorio de trinados e garganteios harmoniosamente modulados.

Os rapaziños traziam-lhe gulodices, cerejas e biscoitos, e chamavam-lhe pelo nome, com muita meiguice, na voz. Os soldados paravam boquiabertos, quando a Primavera assobiava alguma modinha conhecida.

Como o bom tio Miguel exultava de alegria, vendo o successo da toutinegra! Dia a dia a via crescer e notava novos progressos na sua linda Primavera. Esta parecia ter esquecido o seu rustico cantar, para repetir as modinhas que ouvia assobiar ao dono.

Uma tarde em que dono e passarinho, cantavam á porta, ouvi um garoto dizer ao meu visinho:

—E' mesmo uma pena, tio Miguel, que a sua linda toutinegra esteja metida n'uma gaiola tão pequena e feia! Uma avesinha como ela devia ter outra morada.

—Parece-lhe isso, rapaz? —Está visto tio Miguel! Merece-a bem, o pobre animal, que canta na perleição!

—Pois bem, meu aniguinho, hei-de pensar n'isso.

O tio Miguel souhou toda a santa noite com a ideia do garoto, ao romper do dia levantou-se, resolvido a dar á Primavera outra gaiola mais elegante e espaçosa.

—O rapaz tem razão, monologava ele, um passarinho de tanto gosto, merece coisa melhor. Vou-me meter em cavalarias altas por via d'ela, mas é justo.

E sem tardar revistou as gavetas, e pôs-se a contar o cobre que ia encontrando. Reuniu-o todo, mas ainda teve de pedir a Deus e aos santos, isto é,

reembolsar o importe de alguns concertos de solas, que já datavam de oito dias.

Quando o tio Miguel sahio do quarto para comprar á Primavera uma gaiola nova, deixou as gavetas sem cinco reis; mas também, quando voltou, d'ahi a uma hora, trazia triunfante a mais esplendida gaiola que jamais se viu no bairro das Carmelitas.

Tudo eram grades de pau delicadamente torneadas e pintadas de amarelo, arames enfeitados de contas de vidro, filigranas prateadas, comedouros de porcelana, e bebedouros de cristal, com espelhos por cima. O mais exigente avicultor ficaria satisfeito.

Suspendeu-se o palacete na parede interior, entre a chaminé e a janela; abriu-se a porta principal e introduziu-se a avesinha.

Mas... ai, que decepção! Longe de parecer satisfeita com a sua nova habitação, Primavera pôs-se a esvoaçar de um lado para outro, com modo assustado, ferindo-se nas grades e esforçando-se por sahir de fãõ brilhante prisão.

—Isto é emquanto se não afaz, disse entre si o tio Miguel.—A manhã já ela canta um hino de alegria!

Mas nem no dia seguinte, nem nos outros, a avesinha começou a cantar.

Parecia estar estranha e conservava-se muda e triste no poleiro mais alto. Em vão o velho, consumido com semelhante silencio, multiplicou em volta d'ela gulodices de toda especie. Primavera olhava com olhos esmorecidos para os massapães, para as espigas de pãoco e para as folhas de alfaca com que ele atestava a gaiola; mas tocá-lhes nada!

Os garotos, as raparigas e os soldados já não quedavam deante da janela do sapateiro. Para quê? A marota da toutinegra já não cantava!... Decorram assim muitos dias. De cabeça baixa, penas eriçadas e olhar baço, a Primavera deixava-se morrer em silencio.

O tio Miguel não se pôde ter por mais tempo. Tornou a abrir ao passarinho a porta principal da sua morada principessa, e aproximou-lhe a gaiola velha, ainda fornecida de morrião meio seco. A vista d'ela a toutinegra endireitou-se, os olhos brilharam-lhe á subitas, e um sopro pareceu erguer-lhe as azas.

Qual um exilado que torna a ver a casa querida, onde cresceu, assim ella se precipita para a sua antiga morada e atirando-se ao t'apezo fez de repente ouvir um canto surpreendente.

Voltara-lhe o gosto de viver; encontrando-se na primeira gaiola, assim modesta como era, reconheceu a cantar. Nunca a sua voz ressoara tão melodiosa e sonora; enchia o quartinho do pobre sapateiro, ouvindo-se na rua, onde no entanto fazia parar os garotos e raparigas que vinham da escola, e os soldados que iam para a caserna. Repetindo umas atrás das outras todas as modas que lhe tinham ensinado, Primavera parecia esgotar as melodias de alegria.

Mais sensata do que tantos homens, mais sensata do que seu dono, ella recusara a opulencia para se conservar na sua vida pacifica e no seu modesto asilo.

Quem teve um alegrão foi o tio Miguel. Talvez só então se lembresse da fabula de Lafontaine: «O sapateiro romendão e o financeiro». Ele que havia oito dias não comia, nem dormia, nem cautava, recobrou também o appetite e voltou a dormir e a cantar.

Querida av-sinha, cuja cordura tantas vezes me avulta ao pensamento, para me esclarecer ou fortificar, apraz-me contar hoje a tua historia. Não é ella mais valiosa do que a de muitos fantoches, cujos nomes tanto se apregoam e que só fizeram mal?

Ah! Quanto desejaria que communicasses aos meus leitores amor á simplicidade, necessidade da moderação e desejo de viver na terra natal.

Teu canto jovial, que remontava ao céu, não parecia dizer?

—Encerraes os vossos desejos nos limites dos vossos bens! Estae contentes com a vossa sorte! Ao homem virtuoso pouco basta para ser feliz!

Nem o outro nem as grandezas nos dão a felicidade!

HENRI GAILLAUX.

Catolicismo e protestantismo na Alemanha

O dr. Stier, pastor protestante da igreja de Berlim-Sul publica na Koelnische Volkszeitung informações interessantissimas sobre a situação do catolicismo e do protestantismo na Alemanha.

Nota o estado de inquietação em que se encontra o luteranismo desde o desaparecimento do Imperio que era o seu apoio official e a unica razão da sua existência.

Neste momento nota-se na Alemanha um importante movimento de conversão ao catolicismo. A influencia dos católicos na vida publica da nação é tanto mais sensível quanto a dos protestantes é indecisa e fraca.

Como consequencia da mudança de regime os protestantes encontram-se numa situação lamentavel e na impossibilidade de defrontar-se com os grandes problemas que preocupam a nação e ameaçam a existencia da nova republica alemã.

Não se julgue que a voz do dr. Stier é uma voz isolada.

Todos os meios protestantes, os seus jornaes e revistas, as suas diversas publicações revelam a mesma inquietação. O protestantismo, — os seus dirigentes mais perspicazes confessam-no claramente — é demasiado estéril, demasiado falho de concepções fecundas e de valor moral, demasiado frio para dar um conforto forte e duradouro tão necessario nas grandes aprovações que afligem o povo alemão. Falta-lhe, numa palavra, a unidade, a firmeza dos principios (o poder moral tão necessario para a reforma dum povo).

E' convicção dos protestantes alemães — diz o dr. Stier — sem exceptuar os protestantes conservadores, que a Igreja Católica tirará imensas vantagens da ruina politica e religiosa da Alemanha, milhares e milhares de aderentes do protestantismo alemão, que eram mantidos na sua fé pelo apoio official do Estado, passaram desde a queda do Imperio para o ateísmo anti-cristão e anti-religioso.

«O protestantismo religioso que se gaba de possuir ainda uma fé e uma igreja, foi na realidade privado, pelo abatimento da Alemanha e da igreja nacional protestante alemã, da base sobre a qual se fundava toda a sua actividade: a base do Estado. A vida religiosa, que não se

mantinha senão pelo apoio do Estado-Egreja, ameaçava ruina. Por isso se faz sentir, com uma força sempre crescente, a necessidade duma autoridade, da autoridade da igreja católica.

«As seitas protestantes, esses atomos dispersos do grande todo protestante, nunca se impoem em semelhantes circunstancias; só a igreja católica o poderá fazer, pela sua unidade e pela sua autoridade.

«Por esta razão e só por esta razão, numerosos protestantes passam para a Igreja Católica, para encontrarem nela um refugio seguro. Seja como fôr, devemos confessar que a igreja protestante alemã como Igreja de Estado, sofreu um desastre notavel pelo facto da ruina da Alemanha na guerra mundial.»

Fala assim um pastor protestante! Cá em Portugal, em 1910, houve republicanos que profetizaram a morte da Igreja, privada do apoio official! E ha monarchicos — poucos, mas barulhentos! — que desde 1910 vem repetindo que a Igreja sem monarchia não pode viver!

Nós não discutimos. Apresentamos este exemplo da Alemanha e notamos que a Igreja Católica lá avança, cá já lá vão quasi 13 annos, e ella vae vivendo — e é o caso de se dizer! graças a Deus!

Pelo mundo católico

As novas gerações comungam

Um dos mais grisantes signaes da refluencia da fé catolica nas novas gerações, dá-o a França quasi annualmente por occasião das comunhões pascaes da academia de Paris.

E' interessante registar como exemplo, o movimento deste ano. A 25 de mez passado em Santo Estevam do Monte viam-se a comungar 1050 alunos da Escola Polytechnica, actuaes e antigos, notando-se entre elles as mais eminentes personalidades do exercito, do Instituto, do ensino, das grandes administrações do Estado e da industria. Mais 1000 alunos acompanharam nos comités de 46 regiões da provincia os seus camaradas de Paris assim accendendo todos ao convite para a Missa Pascal que lhes fôra dirigida por 950 alunos, entre os quaes se iam os dos mareschaes de França!

Este movimento estendeu-se ás outras escolas. A Escola central de Artes e Manufaciúras foi representada á Mesa Eucaristica por 1800 comungantes. A Escola de Minas de Paris 300; da Escola de Pontes e Calçadas eram 30 os signatários do apelo á Comunhão; da Escola de Minas de Saint Etienne, 90; da Escola de Obras Publicas, 70; e de quatro Escolas de Artes e Mesteres, 280. Em todas as Escolas onde a verdadeira camaradagem reserva a todos o respeito e a liberdade Mutuas, estes gestos dos alunos actuaes e antigos confirmam os progressos da vida católica nas elites intellectuaes. Admiráveis exemplos! O respeito humano pode dizer-se derrotado!...

Cá e lá

Ainda sobre a votação do Senado francez acerca da ida do corpo de Reunan, o escritor blasfemo para o Pantheon é curioso verificar que nos 200 votos de aprovação figuraram alguns católicos. Para combater o projecto só appareceram 40 em 314 Senadores, e no entanto na Alta Assembleia ha mais de 40 católicos praticantes! Accetou-se lá o que por cá acontecia na Camara dos Pares... Guirand, na Croix pergunta e com razão: «Onde estão estes católicos? Onde se classificaram neste assalto do anticlericalismo contra a Igreja? Procuraes-o a quasi todos nos batalhões dos abstencionistas! Antigos membros da Acção Liberal outrora eleitos como católicos e não deixando de ser clérices para o inimigo comum; progressistas eleitos por católicos, muitas vezes com a benção dos bispos, contral-ohes nessa falange nada macedónica que entre Jesus e o negador da sua divindade, ficaram neutros e impassiveis; Pilatos que renegaram o Justo para afirmarem o facto do laicismo;... Só ha um remedio para isto: organizarmos sólidamente como fez o Bloco das Esquerdas.» A Croix saberá o que se passa em Portugal onde os Bispos estão abandonados do Clero que saltou por cima da barricada da Igreja; onde no Centro Católico um desvio da sua tradição de lucta inicial contra o regalismo monarchico e o jacobinismo republicano o transformou numa virtualidade politica sem influencia?

Victoria Católica

Os reformistas hespanhoes, participantes no actual gabinete de Garcia Prieto, marqués de Alhucemas, tentavam impôr a abrogação do art. 2.º da Constituição hespanhola, segundo o qual a Religião Católica é a Religião do Estado. Faziam disto pretensão e bandeira. O governo liberal parece que se prestava á manobra. Os católicos hespanhoes porém, não são de gelatina.

Seguindo em massa o Episcopo, pela voz do douto e eminente Cardeal Arcebispo de Saragoça enviaram ao governo uma mensagem fazendo saber do protesto caloroso da consciencia nacional perante um acto que implicava o rompimento immediato das relações entre o Reino e a Santa Sé e a caducidade da Concordata, casos estes que por sua vez levariam o Episcopo a reunir os fieis nas eleições contra o governo.

O DR. WASHINGTON LUIS

O Presidente do Estado de S. Paulo

fala ao «Diario de Noticias» do extraordinario desenvolvimento daquela unidade da Federação

Brazileira

A grande riqueza do Brazil: o café

A situação de independencia em que o regime federativo brasileiro permite que vivam os seus Estados, tem sido o propulsor maravilhoso dos seus recursos economicos. Nada ha que o Brazil não possua — dizia-me uma vez o antigo Ministro das Relações Exteriores dr. Lauro Muller. — E todos os dias se anuncia a descoberta dum novo mineral, a applicação dum dos seus vegetais a um novo processo de cura — sei lá!

E, com effeito, o Brazil é mesmo muito mais rico do que os proprios brasileiros supõem. Dos Estados que compõem a Republica o mais poderoso, o melhor organizado e o mais progressivo é o de S. Paulo. Dentro dele, percorrendo-o para um e outro lado nas suas magnificas linhas ferreas, a impressão que se recebe é a de uma casa arrumada, onde cada um sabe o seu lugar e percorre o seu caminho sem bolir nos outros. O segredo do seu colossal desenvolvimento não está senão nesse espirito de disciplina e de liberdade e na sua administração serena e na applicação gradualmente calculada dos melhoramentos. O paulista está longe de ser, como o carioca, um homem expansivo e folgazão. Ao passo que o carioca dir-se-ia ficar contente desde que tenha o pão e o azeite para uma accorda; o paulista gosta de dormir descansado com algumas economias no Banco. Mas não é apenas o paulista. O proprio estrangeiro, que para ali vai com o agulhão da febre de ouro, adapta-se ao meio com relativa facilidade, de modo que a tarefa dos homens que dirigem os negocios publicos fica sensivelmente reduzida.

Eu tive ensejo de conversar durante uma larga meia hora com o dr. Washington Luis, presidente do Estado, e dele ouvi a confirmação daquelas opiniões que eu formulára poucos dias após a minha chegada a S. Paulo. Importa dizer que o dr. Washington Luis não é paulista de nascimento; é paulista por espirito. Ele tem as mesmas qualidades de inabalavel persistencia, o mesmo valioso espirito de exclusivismo em favor do Estado, a mesma serenidade que nenhum acontecimento enfraquece. Sabe que, orientando-se neste e naquelle sentido, chegará pela força da sua vontade, a remover todos os obstaculos e a atingir o seu objectivo e nada o desviará desse caminho.

Sentado num sofá, numa das salas do seu palacio, o dr. Washington Luiz, que foi encantador de amabilidade, dizia-me: — As condições em que vive o Estado de S. Paulo são a resultante da natureza do solo e da indole da população. O solo é riquissimo e tudo brota dele com uma abundancia que assombra. A produção principal é de café e nisso foma a dianteira a todos os outros Estados e a todos os outros paizes produtores, de tal modo que ella se regista na proporção de 100 para 30 quanto a algumas regiões e até de 200 para 30 quanto a outras. Se percorrer o interior terá ensejo de observar quilometros e quilometros de pés de café, que, ao mesmo tempo que promovem a riqueza publica, enriquecem os fazendeiros e transformam os colonos, chegado pouco antes na miséria, em pessoas abastadas. Escuso de citar-lhe exemplos. Elles são tantos, tantos que com certeza, aos seus ouvidos alguns já chegaram.

Dois ou três numeros apenas: em 1921, saíram do Brazil 8.795.148 sacas de café, 7.645.935 pertenciam ao Estado de S. Paulo. No mesmo anno o valor total da exportação pelo porto de Santos foi de 753.177.879\$000 pertencendo ao café 591.183.694\$200. O café é, pois, a base da nossa economia, e, por isso, o meu governo lhe dedica atenções especialissimas, occupando-se do desenvolvimento das linhas ferreas e da construção de estradas de modo a facilitar-se a deslocação e o barateamento do producto, e de outras medidas que o protejam.

Neste momento, porém, latamos com um grande obstaculo, a falta da mão de obra. Não temos trabalhadores suficientes da lavoura, a despeito das innumerav vantagens que dispensamos ao imigrante, das probabilidades de exito que elle encontra e da doçura do clima, que, pode dizer-se, é dos melhores do Brazil. Para o iludicar melhor, basta que lhe diga que o Estado paga a passagem do imigrante desde a localidade donde ele sai até á fazenda em que irá empregar-se, pois tem sempre assegurado trabalho. Com a imigração dispendemos num anno tanto como o governo federal com os outros Estados.

E sublinhou: — necessitamos de braços para a lavoura, sobretudo para a lavoura do café, que dá uma boa remuneração, em especial ao imigrante com familia. A cidade exerce atrações sobre os espiritos simples, mas nunca oferece as probabilidades de exito que o campo, onde tantos estrangeiros se têm enriquecido.

O dr. Washington Luis, reclinando-se um pouco mais no seu lugar, continuou: — No Estado de S. Paulo, o imigrante mais numerozo é o italiano e está estamem em negociações com o governo

agentes são impotentes. Vem um terceiro cordão reforçado: a mesma coisa.

A porta da igreja um agente espadado abre os braços. Mas um dos chefes de pelotão encavaca-o perguntando-lhe:

—Olhe lá, o sr. está aqui a servir de porteiro ou a vender bilhetes?

O homem dá pela gaffe e triste figura que faz, perfila-se ao lado e deixa passar o cortejo intacto. Ora assim é que é!

Mussolini para a realização dum accordo que permita intensificar a corrente imigratoria. O segundo lugar é disputado entre os hespanhoes e os portuguezes. O portuguez é muito apreciado pelas suas qualidades morais; é fiel, humilde, suportando trabalhos por mais arduos. Pela sua parte, a identidade de lingua e de raça facilitam-lhe imenso a vida. De resto, elle encontra aqui um natural ambiente de simpatia — pois não descendemos quasi todos de portuguezes?... — O Estado de S. Paulo veria com muito agrado que entre Portugal e o Brazil se realizasse um accordo de imigração, com mutuas garantias, que nos collocasse em condições de adquirirem no seu paiz uma parte dos braços de que necessitamos.

E depois duma pausa: — E' claro que o trabalhador rural portuguez não vem immediatamente apto a assumir as responsabilidades que, em identicas circunstancias, assumiria na sua terra; elle ignora por completo as épocas de plantação dos productos, visto que as estações não são as mesmas — como desconhece as épocas de carpir e colher, as influencias do sol e da chuva, os effeitos da geana etc. Mas isso rapidamente aprende. Acrescente que os serviços paulistas para a imigração continuam protegendo o colono, dando-lhe assistência judiciaria, vigiando a realização dos contractos ect., e que na propria fazenda em que elle se emprega por entre os milhares de pés de café que tomou a seu cargo, nas proprias terras do patrio, pode plantar cereais — milho, arroz, feijão, — que vende a quem muito bem quizer. Com os seus contractos nas fazendas, os colonos que sempre chegam pobres, têm garantido o trabalho remunerador durante um certo numero de annos, os primeiros e os mais difficeis: recebem casa e adiantamentos para as primeiras despesas; aprendem a conhecer a terra e as suas estações, a trabalhar nela, a amal-a: estão ao alcance das vantagens da vida civil, avaliam as etapas da estrada que têm de percorrer, pelos pontos nela occupados pelos que chegaram antes d'elles. Por toda a parte encontra colonos felizes por pequenissimos proprietarios que se transformam, por vezes, em grandes fazendeiros. Quasi todo o pequeno commercio, e mesmo grande parte do grande commercio no interior e nas grandes cidades está em mãos dos que vieram como colonos, ou que vieram com a colonisação ou por causa d'ella.

E, dando ás suas palavras um acentuado tom de sinceridade, o dr. Washington Luiz terminou: — A cada passo encontra o senhor bastantes exemplos que autenticam as minhas palavras. O Estado de S. Paulo é um Estado prospero, duma prosperidade crescente. Estimaria bem que os portuguezes — de quem descendemos — tomassem uma parte nos trabalhos e nos lucros dessa prosperidade.

Acúrcio Pereira

Do Diario de Noticias de 23-3-923.

Conversando

O SR. PRIOR

II

Ricos e pobres — Os pobres do sr. Prior — O groom da miséria — Os concertos da D. Gloria Castanheira — A comprehensão da musica — Os criticos musicais — A verdade: : : deira inspiração: : : :

Ha imensos pobres esquecidos, sem socorros e sem assistência! Esquecidos voluntariamente pelos ricos e por conseguinte esses ricos são verdadeiramente criminosos. Só quem não quer ver essas misérias reduzidos aos ultimos rigores da pobreza, é que pode dizer falsamente que não sabia de tais pobres! Não querem ver para não corearem dos seus esbanjamentos. Pretendem ignorar a existencia dos que sofrem para não pensarem. Quando saiem dão uma ou outra esmola, mas não cuidam saber se serão verdadeiros necessitados, e no entanto os verdadeiros pobresinhos cujos gemidos não se ouvem, continuam sofrendo abandonados. Quem pensa hoje em visitar os encarcerados? os que padecem nos hospitais? os envergonhados que apodrecem em vida, com a sua familia, nos seus miseraveis tugurios? A estes falta-lhes tudo mas o rico tem abundancia, tem luxo, tem delicias. Se não houvesse fé em Deus, a tais desigualdades se poderia chamar escandaloso da Providencia, a paciencia dos pobres ultrajada pela dureza e pela insensibilidade dos ricos.

—Mas ha um homem que pensa sempre e constantemente nos pobres.

—Quem é?

—O sr. Prior. Sempre existiram como pobres do sr. Prior os mais necessitados. E' esta uma das suas principais occupações.

—Mas elle só, pode socorrer tantos?

—Tem auxiliares. Assim eu, comovido com uma sua pratica fui oferecer os meus serviços que foram aceites. Coube-me visitar uma pobre velhinha doente.

—Como a socorrer?

—Fui até á sua casa; morava numa loja terrea ao fundo de um bico. O rapazio que ali brincava ao ver-me, vieram logo rodear-me. Perguntei onde morava a sr.ª A.ª...? — «Ali» me respondeu uma garçoa que em vez de corpele e saia trazia uma esburacada fardeta

A EXPOSIÇÃO

Festas Gualterianas

Desejamos, por um dever de necessidade, lembrar a alguns dos nossos colegas que as Festas Gualterianas são apenas um numero da Exposição Industrial e Agricola, e não esta um numero daquelas como por vezes esses colegas dão a entender.

Não pretendemos com isto censurar a propaganda que esses colegas estão fazendo a respeito das Festas Gualterianas. Não!

Mas convem restabelecer a verdade, e esta é a que acima deixamos.

Circulars

Damos hoje publicidade ás tres circulars dirigidas pela Comissão de Propaganda ás entidades a que dizem respeito.

Eis a circular-inquerito:

Ex.^{mo} Senhor:

No intuito de colaborar estreitamente com a Associação Commercial de Guimarães na Exposição Industrial e Agricola... a Sociedade Martins Sarmento, querendo honrar a nobilissima tradição do certamen de 1884, deliberou promover conjuntamente, sob a sua iniciativa, patrocínio e secundada com toda a sua actividade, uma pequena exposição ou mostruario da industria caseira, de fabrico ou uso domestico, de productos singelos muitas vezes manufacturados para consumo proprio, por mais modestos e rudimentares que sejam — como fusos, mantas de trapos, chapéus de palha, crossoas, algibeiras, coletes bordados, camisas bordadas, espadelas, jugos, cofos, louça, cestos de vime, quaisquer utensilios de alfaiá agricola, objectos de cosinha ou de iluminação, etc., etc.

Não deve V. Ex.^a preocupar-se com a modestia rudimentar, mesmo barbara, do produto, nem com a humilde da sua applicação. O nosso fim é apresentar as curiosas modalidades do trabalho humano que successivamente se vai aperfeiçoando, mas tantissimas vezes perde a sua fresca graça e originalidade primitivas. E muito em vista por igual temos conseguir assim como um numero illustrado da nossa ethnographia, isto é: dos nossos usos, costumes e tradições populares.

Para levarmos a bom termo este empreendimento o usamos solicitar de V. Ex.^a a sua colaboração positiva, dignando-se informar-nos das produções caseiras dessa freguesia, com a indicação dos nomes e moradas dos produtores, condições do fabrico,

nome e applicação dos objetos e enfim com todos os esclarecimentos que se lhe afigurem curiosos ou interessantes.

Agradecendo penhoradamente a V. Ex.^a, podemos assegurar-lhe que, coadjuvando-nos, presta ao nosso povo e a todo o concelho de Guimarães um valioso serviço.

Ex.^{mo} Senhor:

A Comissão nomeada pela Associação Commercial com o fim de propagandar a Exposição Industrial e Agricola, levou junto da imprensa do paiz um apelo no sentido de as suas rdações acolherem todos os artigos e locais que lhe fossem por nós enviadas, referentes ao pensamento e aos trabalhos do grande certamen expositivo.

Ora para que esta acção de propaganda se torne constante e intelligentemente orientada, é indispensavel que, para a mesma, contribuam todos os valores mentais da nossa terra, mormente quantos, como V. Ex.^a, estão de certo modo familiarizados com o treino jornalístico.

Sabe certamente V. Ex.^a que um dos factores que na Exposição Industrial de 1884 mais contribuiu para fazer convergir as atenções dos poderes do Estado e do proprio paiz sobre a notavel importancia industrial deste concelho, foi a propaganda que pela voz da imprensa então se fez, propaganda tão superiormente tratada que nela colaboraram alguns dos mais eminentes economistas e publicistas portugueses, como se vê do esplendido Relatório que da inolvidavel Exposição de 84 nos legaram os seus cultos e entusiastas organisadores.

Honre-nos, pois, V. Ex.^a tratando em artigo ou série de artigos, o suggestivo tema da Grande Festa do Trabalho, a realisar em Agosto, — colaboração que esta Comissão se encarrega de dirigir, acompanhada de gravuras, ás rdações dos periodicos.

Em nome dos altos interesses do concelho, antecipamos a V. Ex.^a o nosso reconhecimento.

Ex.^{mo} Senhor:

A Comissão de Propaganda da Exposição Industrial e Agricola de Guimarães, desejando dar á sua missão um fim, tanto quanto possível, construtivo e util, reconhece a necessidade de criar no espirito publico o exato sentido da Grande Festa do Trabalho a realisar em Agosto.

Nesse proposito impõe-se que uma das modalidades da propaganda a fazer-se seja constituída por uma série de conferencias de caracter economico, factor primordial para que o alto objectivo da Exposição resulte fecundo em estímulos de revivencia local.

Assim, pois, afigura-se-nos que ficaria bem a cada uma das co-

létividades vimaranenses, entre as quais avulta pela sua importancia aquella a que V. Ex.^a dignamente preside, tomar a si o encargo de promover uma dessas conferencias, realisando-se a mesma dentro do periodo e do proprio edificio da Exposição, o que seria a todos os titulos uma colaboração valiosa, intelligente e sobremaneira patriótica.

Levamos este convite a todos os organismos locais cuja finalidade de certo modo identifica com o pensamento do grande certamen expositivo, mormente por estarmos convencidos de que só uma estricta solidariedade com que os nucleos de acção social póde formar o sentimento civico e ajudar á obra urgente de reabilitação nacional.

Apelando, pois, para V. Ex.^a e seus Ex.^{mos} colegas, estamos certos de que um bem inspirado amor a esta terra fará vingar o nosso proposito de propaganda instrutiva, certamente a mais eficaz para demonstrar que só o trabalho nas suas manifestações de progresso, constitue o melhor equilibrio moral e a maxima riqueza no seio das sociedades bem organisadas.

Condecorações

Foi condecorado com a cruz de guerra o regimento de infantaria n.º 20 desta cidade.

Foi agraciado com a Cruz Vermelha de dedicacão e com duas medalhas de Filantropia e Caridade o nosso patricio e bom amigo, sr. Fernando da Costa Freitas, residente na capital. Sinceros parabens.

Foot-ball

No dia 15 desloca-se até Braga o 1.º grupo do "Vitoria Sport Clube" para jogar com o 2.º do "Sporting Clube" de Braga.

A saudosa memoria de Josefa Rosa da S. Pereira

No dia 30.º do seu falecimento

Partiste cheia de mortificacão e desprendida de tudo que é mundo e só absorta em Deus que vias em tudo.

Foste receber a recompensa das tuas obras, pois que passaste pela terra fazendo o bem.

Parece-me ver-te junto de Deus recebendo a coroa de gloria prometida a aqueles que combateram o bom combate.

Foste sempre uma alma de eleição.

O respeito humano nunca o conheceste.

Nunca te preocupaste com o dia de amanhã.

O bom conselho sempre o deste e mais do que o conselho, o exemplo que é mais e melhor.

Agora que com os olhos da fé te vejo junto de Deus roga-lhe por quem estas linhas escreve e por quem tanto fizeste cá neste vale de miserias.

Pede-lhe por todos os teus que te choram com saudade até que um dia os vejas junto de Deus, libertos deste mundo de enganosa.

Pie Jesus, dona ei se quem sempiternam.

Banco Popular Português

Capital 3.000:000\$000

Agencias em todas as localidades do paiz

AGENTE EM GUIMARÃES:

José Joaquim Vieira de Castro (Antiga Casa Sequeira) RUA DE S. DÁMASO

Desconta letras sobre todas as agencias Aceita dinheiro a prazo e á ordem. Compra libras, cheques, coupons, etc.

Quem pretender bem SEGURO o seu dinheiro, póde dirigir-se a esta casa, pois tem sempre papel para render bom juro.

NOVA PADARIA

CANDIDA LEMOS ALMEIDA

Fabrico de pão de boróa, bijou e rósea. Pão ralado Rua Elias Garcia, N.º 63 (Antiga da Santa Maria) Guimarães

RECORDANDO...

Decorreu no dia 9 deste mez um aniversario sobre todos glorioso. O aniversario do dia solene, para sempre memorabilissimo, em que se afirmou altisonantemente o Esforço da Raça.

A proposito da faustosa e historica data de 9 de Abril de 1918, teem-se produzido em todo o Portugal discursos brilhantissimos, enaltecendo os herois da Pátria.

Mas como ha infelizmente gente que, a despeito de tudo, ainda não comprehende com inteira nitidez as vantagens e glória que advieram da Grande Guerra a Portugal, cremos da maxima conveniencia recordar...

Se Portugal não tivesse entrado na guerra, seria hoje bem diferente:—nem colónias, nem independencia. Seria um farrapo! Pode dizê-lo quem assistiu á Conferencia da Paz». Afonso Costa. (1)

Seria um farrapo, um farrapo nauseabundo, pois «já toldava a vista a emanação dum dejectivo torpe, que objectivo politico e odios á Republica levantavam diante dos olhos»—Pina de Moraes (2).

Felizmente, «a Inglaterra feznos primeiro e segundo convite para irmos cooperar na Guerra na frente occidental da Europa, ali onde ela devia decidir-se.—honra assinalada que desde logo nos ergueu ás maiores alturas»—Afonso Costa (3).

Assim erguido, «Portugal não morrerá e marcou no Espaço a sua verdadeira fisionomia. E é tanta a luz que vai pelo espaço de Portugal, que os proprios morcegos, se ainda existem não mais podem ser vistos»—Leonardo Coimbra (4).

A Grande Guerra, «que teve a feição de luta mais titanica, não pelo numero de combatentes mas sim pela qualidade das essencias de Vida, fez com que Portugal conquistasse o direito de vida perante a Europa, o Mundo e perante Deus». Pina de Moraes (5).

Pelos mimosos lugares selectos que deixo transcritos se vê como a lingua portuguesa, e só a lingua portuguesa, é capaz de revestir em tanta beleza de forma!

Mas aqui tenho presente um discurso duma notabilidade ingleza sobre o mesmo assunto — a Grande Guerra.

Quereis ver como é flagrante o contraste?

Os illustres oradores portugueses, cheios de calor, arrebata-nos até ás nuvens, fazem desaparecer os morcegos com o brilho esplendoroso que nos cerca, e conquistam-nos o direito de vida perante o proprio Deus!

Os inglezes, frios como o gelo, são todos terra a terra. Em vez de contemplarem no Espaço a verdadeira fisionomia da Inglaterra, põem como o pôrco os olhos no solo, e quasi sómente da materialidade se occupam. Vejamos um trechozinho do tal discurso:

«First of all, we have won the war. The black cloud of Prussian menace to this Empire has been destroyed.

The fleet that threatened the existence of Britain is rotting in the depths of Scapa Flow with all that suffers sea change. Never has the martial glory of this country stood ou a higher pinnacle.

And it must be observed that our material gains are as indisputable as those which are moral.

The Empire is greater in area and in potential wealth than it has ever been. And in our hands such assets do not perish. They develop continuously to our benefit and to theirs. And the working men of our country ought especially to bear in mind first, last, and all the time this most elementary circumstance, that today the whole world — civilised and uncivilised — is crying aloud for just those things which we

(1) Diario de Noticias, discurso de Afonso Costa na Batalha. (2) A Tribuna, n.º 303. (3) Diario de Noticias, lugar citado. (4) A Tribuna, numero citado. (5) A Tribuna, numero citado.

and we alone can manufacture» (1).

Isto, traduzido em portuguez, diz pouco mais ou menos o seguinte:

«Primeiro que tudo, ganhamos a guerra. A nuvem negra da Prussia que ameaçava o nosso Imperio, foi destruida. A esquadra que punha em risco a existencia da Bretanha jaz apodrecendo, com tudo que sofre a acção do mar, nas profundidades de Scapa Flow.

A força guerreira do nosso paiz, nunca, como hoje, se cobriu de tamanha glória.

E é necessario que se note, que os nossos lucros materiaes são tam indiscutíveis como os nossos ganhos morais. O Império nunca foi maior do que agora, tanto em área como em riqueza potencial. E, nas nossas mãos, estas vantagens, uma vez adquiridas, nunca mais se perdem. Desenvolvem-se constantemente, para nosso proprio beneficio e para beneficio dos outros.

Os operarios do nosso paiz devem em primeiro e ultimo lugar, e a todo o momento, conservar gravada no seu espirito esta especialissima circumstancia: de que agora todo o mundo — civilisado e não civilisado — está conclamando aqueles productos que nós e só nós podemos manufacturar».

E pensar a gente, depois disto tudo, que ainda ha creaturas mesquinhas, que teimam em crer que a Grande Guerra não foi isenta de intuitos grosseiros e interesses vis!

E pensar a gente que, não obstante estar demonstrado até á evidencia, que a entrada na guerra, foi para Portugal o motivo unico da sua salvacão, da sua maior grandeza, honra e gloria, ainda ha quem teime que Portugal é um farrapo! e que o causador de Portugal ser um farrapo é... o senhor Afonso Costa!

«Foi ele que fez da Republica a miseria e vergonha que é; e da nação o farrapo que se vê» — Cunha e Costa. (2)

O farrapo que se vê! Eu protesto. Eu não vejo farrapo nenhum.

Vejo mas é Portugal elevado á maior altura, e por isso apoio o sr. Afonso Costa pelo que disse na Batalha e por o que agora repetiu ao transcorrer a data gloriosa de 9 de Abril num bello artigo intitulado Portugal Maior, e que termina assim:

«São passados cinco anos e sinto ainda um embaraço semelhante a uma vertigem quando pretendo falar desse acontecimento, que justamente levantou Portugal á maior altura». (3).

J. de F.

(1) Illustrated Sunday Herald, December 28, 1918—The pinnacle of Britain's greatness—by the Lord Chancellor (Lord Birkenhead). (2) A Epoca, n.º 789. (3) O Primeiro de Janeiro, de 10 do corrente.

A agricultura e a meteorologia

Frequentes vezes se tem tratado nas colunas deste jornal de questões agricolas e não é de mais o muito e bom que se diga de tão importante e capital assunto. Já em tempo dos romanos dizia Columela aos seus patricios «Vós quereis ter mestres de pintura, de musica, de esgrima, e dança; mas a primeira das artes, a mais util e moral de todas, a arte de cultivar os campos—essa não encontra entre vós, nem mestres, que a ensinam nem discipulos que a aprendam.

Felizmente estamos muito mais adelantados do que no tempo de Columela e em relação ao meio a que elle se reportava, mas, as necessidades crescentes, o aumento e exigencias da população actual, fazem-nos meditar na grande lei de Maltus: «As necessidades, o consumo, cresce n'uma proporção geométrica, e a produção cresce n'uma proporção aritmética». E' preciso, é urgente, pôr ao serviço da agricultura todo o cuidado, todo o auxilio da ciencia pois que o problema da alimentação sebroleva a todos os mais. Sem

alimento suficiente não há vida, não há progresso, nem civilisacão! E factio que non de solo pane vivitur mas sem o pão a morte é certa, e com ella desaparecem as sociedades; estamos pois em face do problema basilar da vida social.

O encarecimento crescente, vertiginoso, das subsistencias a todos preoccupa, vive-se como num sombrio pesadêlo, n'um mal estar constante de que não se vislumbra o termo.

As classes abastadas detentoras da riqueza publica, sentem no meio de opulencia aquele recesso vago, indefinido do festim de Baltazar, aturdem-se e embriagam-se no goso, para não terem as fatidicas palavras do medonho porvir.

Os vèlhos pobres continuam perigrinando pela vida, curtindo as suas amarguras, com os olhos postos na vála comum, pois que já não podem volvé-los para as casas de caridade, que tambem victimas da miseria, á falta do obulo da opulencia, que lhe alentava o seu nobre e santo ministerio!

Os nóvos pobres ainda lutam e se debatem contra a corrente de egoismos, miséria e hipocrisia, que tudo arrasta. Erguem-se brádos, impercações horrendas n'este lutar tumultuoso, e Espártacus retêza os musculos tentando partir os grilhões que o chumbam cada vez mais estreitamente á miséria social!

E era tão facil, pelo menos aparentemente; conjurar tantos horrores, minurar tantos infortunios!... Se cada um pagasse proporcionalmente aos lucros que auferê, se cada um trabalhasse na medida do que pode e deve, se cada um poupasse o que de superfluo consome, se cada um auxiliasse o seu semelhante e a comunidade, dentro do que pode e como pode, se cada um e todos tivessem juizo; por certo a tempestade do cataclismo, que nos ameaça, desvanecer-se-iam, e um céu mais clemente, uma brisa de bonança, de bondade, de amor e caridade, viria aduçar as almas, encher de bons sentimentos e de beleza a vida presente, prenhe de ameaças.

Vèlho mundo, brilhante civilisacão, á tua porta bate o gladio de Bremudes, e a sua voz bárbara e tremenda ameaça-te outra vez com o «Vae victos!»

Vai armar-te com as grandes e gloriosas armas dos seus principios, das eternas virtudes que te legaram os teus heroicos e honrados antepassados, deixa de ser chatim, para seres o glorioso pioneiro que desvenha os mundos, percorre a terra, os mares e os espaços, com os olhos postos na bandeira sacrosanta da Patria e da fé!

Agora e a proposito disto tudo, porque não ha-de crear-se um posto de observação meteorologica em Guimarães?

Como o optimismo é muitas vezes inimigo do bom, não seria seria precisa uma installação magistral, bastaria o indispensavel para lavoura na quantidade de chuvas que cahem na região, os ventos dominantes, as temperaturas e as pressões barometricas.

Com estes elementos haveria mais certeza no emprego, oportunidades, forma e qualidades, da cultura regional, que a todos interessa.

Uma installação sumaria, desta natureza, pouco mais ou menos, como a de Montalegre, não trazia grande despeza e seria largamente compensada pelos beneficios que poderia prestar.

Y.

ANUNCIO

Carpintaria Vimaranesse (A mais economica) Rua Elias Garcia — CASA DO ARCO Guimarães

Encarrega-se de todos os trabalhos de construcção civil com segurança e rapidez.

Casa NEVES

Adelino Joaquim Neves

MERCADORIA E CONFECÇÃO

:: (Antiga Feira do Leite) :: GUIMARÃES